

O Mundo das Imagens

Nise da Silveira

Quando se fala em ateliê de pintura instalado num hospital psiquiátrico, de ordinário supõe-se duas alternativas.

Tratar-se-ia de um setor de terapêutica ocupacional onde os doentes fariam cópias de estampas vulgares, tentariam reproduzir objetos colocados diante de seus olhos, decorariam vasos, cinzeiros, etc., sempre sob a orientação de um técnico. A criação espontânea seria habitualmente cerceada. Tal procedimento sempre esteve fora de cogitação para nós.

Ou tratar-se-ia de anexo a um serviço de psicoterapia analítica, no qual as pinturas seriam utilizadas como ponto de partida para associações verbais, aceito o critério de que as imagens constituem, segundo Freud, meio muito imperfeito para as representações tornarem-se conscientes. Seriam apenas dados para a busca dos elos intermediários que são recordações verbais. Só através dos elos verbais o material reprimido, simbolizado nas imagens, chegaria ao consciente. Muitas vezes nos perguntaram se seguimos essa diretriz no ateliê do Museu de Imagens do Inconsciente.

No nosso ateliê, a pintura não é entendida como "medium", tem valor próprio, não só para pesquisas referentes ao obscuro mundo interno de esquizofrênico, mas também no tratamento da esquizofrenia.

Atribuimos grande importância à imagem em si mesma. Se o indivíduo que está mergulhado no caos de sua mente dissociada consegue dar forma às emoções, representar em imagens as experiências internas que o transtornam, se objetiva a perturbadora visão que tem agora do mundo, estará desde logo despotencializando essas vivências, pelo menos em parte, de suas fortes cargas energéticas, e tentando reorganizar sua psique dissociada.

A pintura dos esquizofrênicos é muito rica em símbolos e imagens que

condensam profundas significações e constituem uma linguagem arcaica de raízes universais. Linguagem arcaica, mas não morta. A linguagem simbólica desenvolve-se em várias claves e pautas, transforma-se e é transformadora.

Um dos objetivos principais de nosso trabalho é o estudo dessa linguagem. Não nos preocupamos em fazer o debulhamento da imagem simbólica, ou dissecá-la intelectualmente. Nós nos esforçamos para entender a linguagem dos símbolos colocando-nos na posição de quem aprende (ou reaprende) um idioma. Procuramos ir até o doente. É essa a nossa intenção, quando estudamos os símbolos e seus paralelos na arqueologia, mitologia, história da arte e das religiões.

A fim de dar uma idéia do que pode acontecer na condição denominada ordinariamente esquizofrenia, citaremos Fernando: "... o mundo das imagens mudei para o mundo das imagens mudou a alma para outra coisa as imagens tomam a alma da pessoa."

São raras as verbalizações explícitas. O indivíduo cujo campo do consciente foi invadido por conteúdos emergentes das camadas mais profundas da psique estará perplexo, aterrorizado ou fascinado por coisas diferentes de tudo quanto pertencia a seu mundo cotidiano. A palavra fracassa. Mas a necessidade de expressão, necessidade imperiosa inerente à psique, leva o indivíduo a configurar suas visões, o drama de que se tornou personagem, seja em formas toscas ou belas, não importa.

Se o ambiente do ateliê for livre de toda coação, se o doente encontrar aí suporte afetivo e em outros o desejo de aproximação, inicia-se não raro um processo movido por forças instintivas de defesa em luta contra correntes poderosas que se movem na direção das funduras no inconsciente. Decerto essas forças autocurativas são derrotadas muitas vezes, entretanto nunca se apagam de todo, mesmo nos casos mais graves.

Será preciso estar de antenas ligadas e conhecer algo da linguagem dos símbolos para acompanhar o processo que se desdobra em séries de imagens, tornando "visível o invisível" (Paul Klee).

Os sonhos observados em séries, diz C. G. Jung, revelam surpreendente repetição de motivos e a existência de uma continuidade no fluxo de imagens do inconsciente. Exatamente o mesmo acontece na expressão plástica dos psicóticos examinadas em séries, tomando-se em conta que, na produção da psique dissociada, os conteúdos do inconsciente apresentam-se mais tumultuados e imbricados uns nos outros, as imagens são mais estranhas e arcaicas que nos sonhos. Entretanto, se dispusermos as pinturas em séries não será necessário possuir paciência extraordinária para encontrar o fio que lhes dá sentido. Esta é a lição aprendida na escola viva que é para nós o ateliê de pintura.

Em decorrência do avassalamento do consciente pelo inconsciente o indivíduo perde o contato com a realidade e desadapta-se no meio onde vive. É internado nos tristes lugares que são as instituições psiquiátricas. O ateliê de pintura será um oásis, se o doente tiver a liberdade de exprimir-se livremente e aí relacionar-se afetivamente com alguém que o aceite e procure entendê-lo na sua peculiar forma de linguagem. Entretanto é fundamental não esquecer que as imagens emergentes das camadas mais profundas da psique, por estranhas que sejam, não são patológicas em si mesmas, mas são inerentes às estruturas básicas da psique. O elemento patológico não reside na presença dessas imagens, mas na falência do ego, que se tornou incapaz de controle sobre o inconsciente.

Acresce ainda que indivíduos rotulados em hospícios como seres embrutecidos e absurdos sejam muitas vezes capazes de criar formas comparáveis às produções de artistas socialmente reconhecidos. Eis um dos mistérios maiores da psique humana.

A Linguagem Plástica Como Forma de Tratamento Não-Verbal

Quando foi aberto o setor de pintura em 1946, na Seção de Terapêutica Ocupacional, a intenção era encontrar caminho de acesso ao mundo interior do psicótico, desde que com ele as comunicações verbais apresentavam-se tão difíceis e deixavam quase sempre o pesquisador do outro lado do muro. O espantoso foi a verificação de que o ato de pintar podia adquirir por si mesmo qualidades terapêuticas, dando forma aos tumultos internos.

Se atualmente desenho e pintura são aceitos pela maioria dos pesquisadores como método diagnóstico, a verdade é que ainda não são muitos os que atribuem eficácia terapêutica ao ato de desenhar e de pintar.

A experiência do Museu comprova, porém, que desenho e pintura não só constituem excelente meio de pesquisa, mas igualmente são instrumentos da maior importância terapêutica.

As imagens do inconsciente objetivadas na pintura, tornam-se passivas de um certa forma de trato, mesmo sem que haja nítida tomada de consciência de suas significações profundas.

Retendo sobre cartolinas fragmentos do drama que está vivenciando desordenadamente, o indivíduo despotencializará figuras ameaçadoras, conseguirá desidentificar-se de imagens que o aprisionavam. Estes são fenômenos que poderão acontecer num processo de autocura.

Um trabalho sintético que reúna interpretação intelectual e emocional, de regra na prática com neuróticos, torna-se enormemente difícil com os psicóticos. Nesses últimos, as imagens vêm de estratos muito profundos do inconsciente, extremamente distante do consciente, revestem formas demasiado arcaicas e estranhas e trazem consigo uma forte carga energética. Antes de serem despotencializadas, pelo menos em parte, de suas cargas energéticas não haverá condição para apreendê-las por meio de interpretações. Isso só se tornará possível

depois que passem por um processo de transformações simbólicas, e assim possam aproximar-se do consciente.

A experiência também nos demonstra que a pintura pode ser utilizada pelo doente como um verdadeiro instrumento para reorganizar a ordem interna e ao mesmo tempo reconstruir a realidade. Os processos de autocura serão favorecidos se o doente sentir-se livre no ateliê, não se admitindo coação de qualquer espécie nem a presença inoportuna de curiosos.

O indivíduo que de súbito entra num confuso mundo mítico entenderá melhor as linguagens daquele mundo que a linguagem das interpretações racionais. Seria preciso que o terapeuta se dedicasse com seriedade ao aprendizado das várias modalidades da linguagem simbólica a fim de entender-se com seu doente no mesmo idioma. Assim poderá ajudá-lo na tomada de consciência de suas estranhas experiências e na volta ao mundo real.

Compreender-se-á ainda o valor terapêutico que virá adquirir, na esquizofrenia, a proposta, ao doente, de atividades já vivenciadas e utilizadas pelo homem primitivo para exprimir suas violentas emoções.

Em vez dos impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhe oferecemos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música...Será o mais simples e o mais eficaz.

A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidade de êxito se for iniciada ao nível verbal de nossas ordinárias relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. Será preciso partir do nível não verbal. É aí que se insere a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra.

Afetividade na Esquizofrenia

Que validade terá o tão arraigado conceito de demência na esquizofrenia, ruína da inteligência, embotamento da afetividade?

Decerto não se poderia esperar manifestações exuberantes de afetividade convencional da parte de pessoas que estão vivenciando desconhecidos estados do ser em espaço e tempo diferentes de nossos parâmetros, o campo do consciente avassalado por estranhíssimos conteúdos emergentes da profundidade da psique.

O esquizofrênico dificilmente consegue comunicar-se com o outro, falham os meios habituais de transmitir suas experiências. E é um fato que o outro também recua diante desse ser enigmático. Será preciso que esse outro esteja seriamente movido pelo interesse de penetrar no mundo hermético do esquizofrênico. Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento a cura será quase impossível.

O afeto foi o núcleo de todas as atividades da Terapêutica Ocupacional, não só na pintura, mas também na encadernação, marcenaria, jardinagem, costura, tapeçaria, etc.

Nosso ponto de vista é que a volta à realidade depende, em primeiro lugar, de relacionamento confiante com alguém, relacionamento que se ampliará naturalmente.

A esquizofrenia é uma condição patológica muito grave, de cura quase impossível, repetem os psiquiatras, porém de ordinário esquecem de acrescentar que também é quase impossível reunir, no hospital psiquiátrico, as condições favoráveis para ser tentado um tratamento eficaz.

Nessa apologia do afeto, não sejamos demasiado ingênuos, pensando que será fácil satisfazer as grandes necessidades afetivas de seres que foram tão machucados, e socialmente tão rejeitados. Um deles escreveu:

"De que serve colher rosas
Se não tenho a quem ofertá-las?"

O animal como co-terapeuta

Excelentes catalisadores são os co-terapeutas não humanos. Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia (1955) por um doente que freqüentava uma de nossas oficinas, verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo de amar diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem.

Por iniciativa própria, Abelardo construiu uma pequena casa de madeira, ao lado da porta do atelier de modelagem, para servir de abrigo ao cão sem dono que por acaso vagabundeie pelos terrenos do hospital em noites frias. Esta casa de cachorro foi representada em diversas telas pintadas ao ar livre, no morro onde fica o atelier de modelagem, sinal que feriu a atenção e a sensibilidade dos outros doentes. Abelardo, temido na enfermaria pela sua irritabilidade e grande força física, dedica-se a levar alimentos a cães e gatos abandonados dos quais somente ele conhece os esconderijos.

A expressão verbal de Carlos era praticamente ininteligível. As palavras fluíam em abundância, freqüentemente pronunciadas com veemência, mas não se

ordenavam em proposições de significação apreensível. O grande número de neologismos tornava ainda mais difícil a compreensão de sua linguagem. O caminho para o entendimento com Carlos fez-se por intermédio do animal.

Carlos e Sertanejo eram amigos inseparáveis. O cão, sem coleira e guia, acompanhava Carlos em longas caminhadas pelos arredores do hospital, à igreja da paróquia, ao cemitério.

No dia 27 de agosto de 1965, logo que cheguei ao hospital, Carlos me disse: - Quero dinheiro para despesas de Sertanejo. Perguntei espantada: - Que despesas?, e Carlos respondeu: - Água oxigenada, mercúrio cromo, gaze. Sertanejo havia ferido uma das patas. Carlos fez as compras na farmácia próxima, trouxe o troco certo do dinheiro que lhe dei, e com perícia fez o curativo na pata de Sertanejo.

Desde que existia polarização intensa de afeto dirigida pelo desejo de socorrer o amigo, tornava-se possível retomar a linguagem verbal ordinária nem que fosse por momentos. Sob a ação do afeto, os laços frouxos do pensamento apertaram-se, permitindo comunicação com a exata pessoa que poderia ajudar

Dissociação/Ordenação - Mandala

Segundo a psiquiatria dominante, a cisão das diferentes funções psíquicas é uma das características mais importantes da esquizofrenia. Seria de esperar, muito logicamente, que as cisões internas se refletissem na produção plástica dos esquizofrênicos pela ruptura, pela fragmentação das formas.

Certo, a disjunção, a fragmentação achavam-se freqüentemente presentes na pintura dos esquizofrênicos de Engenho de Dentro. Este fenômeno apresentava-se de múltiplas maneiras; desde os desenhos caóticos, dissociação da estrutura do corpo humano, desmembramentos, corpos sem cabeça, sem braços

ou pernas, ou de árvores cortadas em pedaços, significando o despedaçamento da personalidade, tradução na linguagem da matéria dos imponderáveis fenômenos de dissociação psíquica.

Imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos freqüentadores do ateliê do hospital psiquiátrico. A analogia era extraordinariamente próxima entre essas imagens e aquelas descritas sob a denominação de mandala em textos referentes a religiões orientais. Uma escolha de imagens desse tipo veio constituir o primeiro álbum do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Ali estava uma documentação reunida empiricamente, mas as dúvidas teóricas permaneciam. Aquelas imagens seriam mesmo mandalas? E em casos afirmativo, como interpretá-las na pintura de esquizofrênicos? Então escrevi uma carta ao próprio C.G. Jung, enviando-lhe algumas fotografias de mandalas brasileiras. A carta teve a data de 12 de novembro de 1954 e a resposta. Escrita pela secretária e colaboradora de Jung, Srta. Aniela Jaffé, é de 15 de dezembro de 1954:

"O Professor Jung pede-me para agradecer-lhe pelo envio das interessantes fotografias de mandalas desenhadas por esquizofrênicos.

O Professor Jung faz diversas perguntas: que significaram esses desenhos para os doentes, do ponto de vista de seus sentimento; o que eles quiseram exprimir por meio dessas mandalas? Será que esses desenhos tiveram alguma influência sobre eles?

O Professor Jung observou que os desenhos têm uma regularidade notável, rara na produção dos esquizofrênicos, o que demonstra forte tendência do inconsciente para formar uma compensação à situação de caos do consciente. Ele também notou que o número 4 (ou 8 ou 12, etc.) prevalece.

Queira receber a expressão de nossa alta consideração.

Ass.: Aniela Jaffé"

Assim, as imagens do círculo pintadas em Engenho de Dentro davam forma às forças do inconsciente que buscavam compensar a dissociação esquizofrênica. Estávamos diante de uma abertura nova para a compreensão da esquizofrenia.

Como todo sistema vivo, a psique se defende quando seu equilíbrio perturba-se. As imagens circulares, ou próximas do círculo, dão forma aos movimentos instintivos de defesa da psique, aparecendo de ordinário logo no período agudo do surto esquizofrênico, desde que o doente tenha oportunidade de desenhar e pintar livremente num ambiente acolhedor. Isso não indicará que, desde logo, ordem psíquica seja restabelecida. As imagens circulares exprimem tentativas, esboços, projetos de renovação.

(Legendas para fotografias)

1.

O Museu de Imagens do Inconsciente participou do 2º Congresso Internacional de Psiquiatria - Zurique, 1957. A exposição enviada pelo foi aberta por C. G. Jung na manhã de 2 de setembro. Ele visitou toda a exposição, detendo-se particularmente na sala onde se encontravam as mandalas, fazendo sobre o assunto comentários e interpretações.

2.

Este é um gesto que por assim dizer resume a psicologia junguiana: apontar para o centro, o self, simbolizado pela mandala. "O self é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: Nisso reside sua função curativa".

Arqueologia da Psique

Aquele que estudar a psique em profundidade verificará, muitas vezes surpreendido, estreitas semelhanças entre conteúdos emergentes do inconsciente de indivíduos contemporâneos e achados da ciência arqueológica.

Ao longo de sua obra Freud muitas vezes estabelece analogia entre a análise psíquica e o trabalho do arqueólogo. Já nos primórdios da psicanálise, em 1892, Freud compara seu método de investigação da etiologia da histeria às pesquisas arqueológicas. "Suponhamos que um explorador chega a região pouco conhecida, na qual despertam seu interesse ruínas constituídas de restos de paredes e fragmentos de colunas e lápides com inscrições quase apagadas e ilegíveis. Ele poderá contentar-se em examinar a parte visível, interrogar os habitantes das cercanias, talvez semi-selvagens, sobre as tradições referentes à história e à significação daquelas ruínas monumentais, tomar nota de suas respostas... e prosseguir viagem. Mas também poderá fazer outra coisa: poderá ter trazido consigo instrumentos de trabalho, conseguir que os indígenas o auxiliem em seu labor de investigação, e com eles atacar o campo das ruínas, praticar escavações e descobrir, a partir dos restos visíveis, a parte sepultada."(1)

Em 1922, em *A Psicanálise e a Teoria da Libido*, Freud escreve: "No curso de investigações sobre a forma de expressão criada pela elaboração dos sonhos, surgiu o surpreendente fato que certos objetos, situações e relações são representados indiretamente, por símbolos, usados pelo sonhador sem que este compreenda sua significação e para as quais, em regra não oferece associações. Sua tradução terá que ser feita pelo analista que somente a descobrirá empiricamente, adaptando-a experimentalmente no contexto. Mais tarde verificou-se que usos lingüísticos, mitologia e folclore apresentavam as mais amplas analogias com os símbolos dos sonhos. Os símbolos levantam os problemas mais

interessantes e até então não resolvidos. Parecem ser fragmentos de um equipamento mental herdado, extremamente antigo. O uso de um simbolismo comum estende-se muito para atrás do uso de uma linguagem comum."(2)

Noutro ensaio, *A Civilização e seus Desconfortos*, de 1930, retoma a mesma comparação. Imagina Roma vista num corte em profundidade conservada suas diversas fases: a Roma quadrata, pequena colônia erguida sobre o monte Palatino; a Roma dos Septimontium, que reunia a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Sérvio Túlio; a seguir a cidade cercada pelas muralhas construídas pelo Imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período.

Assim seria a vida psíquica do inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais, nada se apagaria nem destruiria. No seu último livro *Moisés e a Religião Monoteísta* (1938) Freud retoma e fortalece o tema da herança arcaica. "O comportamento de uma criança neurótica em relação a seus pais, no complexo de Édipo e no complexo de castração, apresenta-se injustificado em certos casos e só pode ser compreendido filogeneticamente em relação a fatos vividos por gerações anteriores. Valeria a pena reunir e publicar o material sobre o qual me baseio para emitir esta hipótese. Creio que sua força demonstrativa seria suficiente para justificar outras suposições e poder afirmar que a herança arcaica dos homens encerra não só predisposições, mas também traços de recordações vividas por nossos primeiros antepassados. Deste modo a extensão e a importância da herança arcaica aumentaria extraordinariamente."(3)

Portanto, permanecem gravadas sob as experiências do indivíduo, as experiências ancestrais. Estudando as marcas persistentes dessas experiências, sem dúvida Freud trabalhou com um arqueólogo da psique.

Jung praticou, na psique, investigações de tipo arqueológico em dimensões até então ainda não realizadas. Suas principais descobertas fizeram-se na área das

camadas subjacentes ao inconsciente pessoal, nas profundas camadas psíquicas que constituem o lastro comum a todos os homens e onde nascem as raízes de todas as experiências internas fundamentais, das religiões, teorias científicas, concepções poéticas e filosóficas.

Desde o início ele via o inconsciente num constante trabalho de revolver conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los. A imagem arquetípica representa não somente alguma coisa que existiu num passado distante, mas também alguma coisa que existe agora, isto é, o arquétipo não é exatamente um vestígio, mas um sistema vivo funcionando no presente.

Mais tarde porém, através da experiência clínica, chegou à conclusão que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se mantinham necessariamente iguais para sempre. Eram susceptíveis de metamorfoses. O inconsciente sofre mudanças e produz mudanças, influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Será possível acompanhar essas mudanças através dos sonhos, nos casos individuais e nas imagens pintadas quando estudadas em séries, sobretudo nos psicóticos.

Característica comum a muitas dessas pinturas é a presença de um simbolismo primitivo. Frequentemente nelas se constata qualidades arcaicas inegáveis que indicam a natureza das forças criativas que lhes estão subjacentes. "Trata-se de correntes de forças irracionais produtoras de símbolos que fluem através de toda a história da humanidade, e são tão arcaicas que não é difícil encontrar para elas paralelos na arqueologia e na história comparada das religiões"(4). Podemos, portanto, admitir que essas imagens surgem das regiões da psique que Jung denominou inconsciente coletivo. Sob essa denominação, ele entende um funcionamento psíquico inconsciente comum a todos os homens, fonte não só das pinturas simbólicas modernas mas de toda produção similar do passado. Essas imagens nascem de uma necessidade natural e vêm satisfazê-la.

Tendo presentes esses dados, compreender-se-á porque a psicologia Junguiana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções do inconsciente e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigura-se a esta psicologia ainda mais importante descobrir, acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos da psique.

1 – Freud, S. – O.C. I, 131 – Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1967

2 -

3 – Freud, S. – O.C. III, 256 – 258

4 – Jung, C. G. – C.W.

"Do mesmo modo que o corpo humano é um agrupamento completo de órgãos, cada um o termo de longa evolução histórica, também devemos admitir na psique organização análoga.

Tanto quanto o corpo, a psique não poderia deixar de ter sua história."

C.G.Jung

Neolítico

Raramente vi, talvez mesmo nunca haja visto, um só caso que deixasse de recuar às formas de arte do neolítico ou revelar evocações de orgias dionisíacas."

C. G. Jung

Foi em barro, segundo convinha, o mais primordial dos materiais de trabalho, que Adelina modelou as personagens assombrosas emergidas dos estratos mais profundos do inconsciente. As figuras de Adelina são mulheres corpulentas, majestosas. Caracterizam-se por um arcaísmo que logo faz pensar nas deusas-mãe da Idade da Pedra.

Rituais

Em linguagem psicológica, Jung interpreta os rituais como recursos instintivos de defesa para apaziguar a ansiedade diante das grandes forças originadas na profundidade do inconsciente: "Com esse objetivo, o homem arcaico construiu instintivamente as barreiras dos rituais, e ainda hoje, em situações psíquicas de ameaçadora desordem, os mesmos procedimentos são postos em ação".

A idéia de transformação e renovação por intermédio da serpente tem fundamentos arquetípicos que podem ser encontrados, com freqüência, na história da humanidade. Animal que muda de pele e se renova, a serpente é também utilizada em rituais como instrumento de regeneração.

Mitos Egípcios

Desde milênios os homens jamais deixaram de tentar captar a imagem do sol, esculpindo-a ou gravando-a em pedra, madeira, ou evocando sua imagem no desenho ou na pintura. O astro foi um deus para nossos ancestrais e permanece o símbolo de todas as forças celestes e terrestres, o regulador de todos os aspectos da vida.

Sua veneração é encontrada através dos tempos, alcançando grande desenvolvimento, sobretudo no Egito, Peru, México, países onde a organização política e o culto do sol atingiram o apogeu. E, ainda em nossos dias, o sol desperta inumeráveis imagens e símbolos.

O Tema Mítico de Mithra

"Ver-se-á um deus de imenso poder, face brilhante, jovem, cabelos dourados, vestindo túnica branca e portando uma coroa de ouro, usando amplas calças. Ver-se-ão raios de luz saltarem de seus olhos e estrelas de seu corpo."

(Texto da Liturgia Mitraica)

No último período da vida de Carlos, suas pinturas giraram cada vez mais em

torno do tema mítico do sol.

Ressaltam entre estas imagens, figuras masculinas de grandes proporções providas de coroas e outros atributos divinos bastante próximos de descrições de Mithra, deus indo-persa, dadas por seus adeptos.

Segundo narra o mito, foi Mithra quem instituiu o Sol governador do mundo entregando-lhe o globo, símbolo de poder que ele próprio trazia na mão direita desde o instante de seu nascimento.

Mithra é um deus solar e herói cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sob mil faces.

O Tema Mítico de Dionisos

Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Dois mil anos de cristianismo representam apenas a superfície. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes.

Dionisos manifesta-se em nítidas imagens sob múltiplos aspectos de sua natureza dual jovem e velho, bissexuado, animalesco, orgiástico, frenético, o inventor do vinho, dom deste deus aos homens para ajudá-los a provar, embora fugazmente, a euforia da embriaguez e até mesmo o êxtase religioso.

O Tema Mítico de Dafne

Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do Rio Ladão e da Mãe Terra. Ela se esquivou, mas o deus não aceita ser recusado. Apolo persegue Dafne. Fugindo sempre, a ninfa busca refúgio junto de sua mãe, a terra, que a acolhe e a metamorfoseia em vegetal.

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que se identifica tão estreitamente com a mãe, a ponto dos próprios instintos não lograrem desenvolver-se.

Por estranho que pareça, Adelina, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, reviveu o mito da ninfa grega Dafne. Numa situação conflitiva, ela se rendeu e disse: "Eu queria ser flor".

Alquimia

O trabalho alquímico é freqüentemente mal interpretado. Admitia-se que suas manipulações visavam ambiciosamente transmutar os metais vis em ouro. Entretanto, os grandes alquimistas repetiam incessantemente que não buscavam o ouro vulgar, mas o mistério interno da arte de produzir ouro, o que significava alcançar mais alto nível de desenvolvimento.

É motivo para reflexão que ainda hoje indivíduos totalmente ignorantes do opus alquímico projetem, quando têm oportunidade de configurar imagens, seus conteúdos psíquicos inconscientes em símbolos muito próximos daqueles utilizados pelos alquimistas.

Obs.- Cada tema vem acompanhado de uma imagem com seu respectivo paralelo (ver catálogo). Totalizam 14 fotografias, com legenda (crédito).